

Saudade Inimiga

Estava tudo calmo e silencioso, o sol da manhã entrava de rompante pela pequena janelinha do sótão. Tudo parecia estar no seu lugar: as bonecas antigas, a velha estante, onde a coleção de livros do avô Artur se cobria agora de pó, a imponente mesa no centro da sala e o antigo cadeirão da avó Rosa que, no recanto mais escuro, parecia agora tão solitário e triste.

Carlota nunca percebera a paixão dos avós por esta terrinha tão poeirenta e insignificante. Na verdade, o campo sempre lhe fizera alguma confusão. Lembrava-se das longas tardes de verão onde o calor parecia não ter fim e o tédio se apoderava dela. Lembrava-se do quão cedo o avô Artur a obrigava a acordar e das terríveis papas de aveia que a avó Rosa a fazia comer todos os dias pela manhã.

Tudo aquilo repugnava a pequena Carlota que, todos os anos, implorava aos pais para que eles não a levassem a casa dos avós, mas a levassem antes a viajar, como todas as suas amigas da escola faziam, no verão, com as suas famílias.

“Que fazes pequena, aí sentada?”, ainda nem eram horas de almoço e o avô já vinha preparado com mais um dos seus intermináveis sermões sobre a enorme e resplandecente beleza de todo aquele local que, para Carlota, nada mais era do que um monte de relva onde as vacas pastavam e onde se encontrava, no cimo de tudo, uma barraquinha a que os avós chamavam casa.

O chiar das tábuas acordava Carlota dos seus pensamentos e esta deparava-se agora com aquela que costumava ser a sua pequenina cama. Por cima, a janela pela qual olhou tantas vezes parecia emoldurar uma paisagem diferente.

- Avô, olha! As estrelas estão a cair!

A pureza que resultava do confronto entre um céu estrelado e a inocência de uma criança deliciava Carlota que guardava esta conversa como uma pérola preciosa.

- Não estão a cair, tontinha! - respondia a avó.

- São estrelas cadentes. - dizia o avô, num sorriso - Pede um desejo!

O tempo foi passando e Carlota havia estudado e terminado o seu curso, finalmente corra o mundo em bonitas viagens e contemplara-o com os próprios olhos. Os mesmos olhos que, agora, olhavam para o pôr-do-sol que se avistava da terrinha. Uma mistura de cores por cima da vastidão verde e das pequeninas casas da aldeia, que trazia à memória mais lembranças longínquas.

Quando pequena, o escuro aterrorizava Carlota que apenas encontrava sossego nas carícias que a avó lhe fazia, sobre a frágil cabecinha, enquanto cantava até a neta, por fim, adormecer. Já crescida, Carlota deita-se na pequena cama, encolhida e com os pés de fora, espera a carícia que sabe que não chegará.

Aqui, na escuridão, Carlota chora. Chora pela tão grande inimiga a que chama “Saudade”. Carlota carregou esta falta, este vazio para todos os lugares onde foi e nunca conseguiu achar local semelhante àquela pequena aldeia portuguesa, indiferente ao resto do mundo, alheia a todas as aflições que a terrível vida carrega, apenas preocupada com o seu verdejante prado e a sua tranquilidade.

Chora, em silêncio, o quanto detestou esta miserável terra. Chora por todas as tardes que perdeu a ouvir o avô e a avó, pelo calor insuportável que passou e o aborrecimento que parecia não ter fim.

Mas hoje, deitada na antiga e velha cama, Carlota chora sobretudo não se ter deitado ali mais vezes, não ter agradecido à avó todo o amor que ela colocava naquelas papas de aveia, não ter olhado mais para os olhos calorosos do avô enquanto este lhe tentava mostrar que a simplicidade era muito mais complexa do que aparentava ser e chora, por último, por ter desejado sair daquele local a uma estrela cadente.

Joaquim Sheila